

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Práticas possíveis de transcendência:
programa *Suplemento Feminino* na voz e escrita de Irene Boemer**

Marlene de Fáveri (*)
Gloria Alejandra Guarnizo Luna (**)

Resumo: A partir da história de Irene Boemer (1924-2003), radialista e jornalista por cinquenta anos na cidade de Itajaí (SC), analisamos as práticas de mulheres que ousaram romper com papéis sociais, num tempo em que eram reforçadas crenças acerca de sua fragilidade e destino para o espaço privado. Irene trabalhou na Rádio Difusora desde 1947, e, no início da década de 1960, passou a fazer um programa diário, o *Suplemento Feminino*, ouvido e lembrado como aquele que formava desejos de acompanhar as novidades, mas também mostrava que as mulheres podiam ousar, adquirir produtos que facilitavam na vida diária, serem belas, cuidarem-se, provocando mudanças de comportamento. Irene trabalhava num ambiente majoritariamente visto como masculino, viajava muito, disputava espaços e era líder de audiência dentre o público feminino; ousava romper à maneira que era possível, e destacava-se das demais, transpondo barreiras colocadas a elas, consegue “transcender”.

Palavras-chave: Irene Boemer; relações de gênero; radiojornalismo.

Abstract: Taking Irene Boemer’s story into account a radio hostess and a journalist for a 50 years in Itajaí (SC), were have analyzed the deeds that women dared breaking though social roles in a time when the beliefs about their fragility were reinforced, and their destiny was to be confined into private space . Irene started working for Radio Difusora in 1947, and in the early 1960’s started hosting a daily program, *Suplemento Feminino* recalled as the one that incited desires to go along with the new trends, but it also showed that women could dare, could acquire products to facilitate their daily lives, could be attractive, could take care of themselves and above all could stirr up changes in their behavior. Irene worked in a man-driven environment, she used to travel a lot fought for her space and she was the leader of audience among the female listeners. She dared breaking the rules the way it was possible, she outshined the other women , infringing barriers which were imposed to them, and she gets to transcend all this.

Keywords: Irene Boemer; radio journalism; gender relationships.

Irene Boemer, nascida em 1924, na cidade de Itajaí (SC), atuou como radialista e jornalista durante cinquenta anos, até o ano de 2003, quando nos deixou. O desejo de estudar a história de Irene vem tomando corpo desde que nos recebeu¹ e mostrou o acervo pessoal, mulher cuja trajetória perpassou oitenta anos na cidade, e destes, 50 na rádio-jornalismo. Estes “arquivos do cotidiano” (ROCHE, 1996, p.187) portam “marcas materiais” reveladoras de experiências da única mulher de Santa Catarina

¹ Para um trabalho de Iniciação Científica: *A personagem na história: Irene Boemer, educação e radiodifusão em Itajaí (1940-1950)*. Relatório Final de Pesquisa, UNIVALI, Pibic, 1991. Bolsista Gloria Alejandra G. Luna.

a manter um programa de rádio durante praticamente meio século, o que por si só já é inédito. Problematiza-se como foi recebido e representado pelas/os ouvintes o programa *Suplemento Feminino*, voltado para mulheres, num espaço dominado por homens? Como, sendo uma mulher a maior protagonista da radiodifusão de Itajaí, se manteve por tanto tempo? Quais os imaginários formava? Qual era o público que ouvia seu programa? Como a própria imprensa a tem representado? Os meios de comunicação são importantes fontes de pesquisa para descortinar uma época, percebendo os modos de produção e representação, e os discursos são impregnados de relações de poder, e, mais ainda, são emitidos por uma voz autorizada (BOURDIEU, 1996).

Escrever a história das mulheres, neste caso de uma mulher comum que se tornou personagem pública, possibilita perceber experiências e dar-lhes historicidade – se “As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas à sombra da história” (PERROT, 1991, p.7), e tirá-las destas sombras é também uma aposta engajada. Sendo certo que o sentido da experiência organiza subjetividades, um lugar para olhar este sentido está na observação das “diferenças sutis” ou para “o grau e o modo como o sexismo opera” (NICHOLSON, 2000, p. 30), ou seja, a história de Irene está entrelaçada às cobranças, condutas exigidas, papéis sociais e sexuais normatizados. Linda Nicholson propõe ainda ver as mulheres em contextos específicos e na complexa rede de características, nos seus lugares na cultura e na história, na pluralidade de experiências. A categoria gênero norteia este trabalho, pois entendemos que papéis sexuais e sociais são prescritos, eivados de pré-conceitos, construídos culturalmente, tem historicidade e é “um primeiro elemento a dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990: 14). Cabe interrogarmos sobre os discursos, nos diferentes ‘campos de forças sociais’, que constituíram relações desiguais entre homens e mulheres.

Irene nasceu em meados dos anos de 1920,² numa cidade extremamente conservadora, e fora educada para o cuidado de si, da honra feminina, do comportamento em público e imagem de mulher solteira; depois, da casada. Ao mesmo tempo, desafiava a ordem dos papéis quando foi trabalhar como telefonista, depois radialista, isso num tempo em que esses lugares configuravam espaços públicos e de circulação de homens, exposta aos olhares.

Ousava já nos anos 1940 o uso do maiô, ia à praia, prática que não era bem vista na época, e muito menos para as moças pobres que tinham o recato como maior virtude - mostrou-nos uma fotografia.... e narrou:

Que aqui é praia, né, na época tinha... eu tenho fotografia aí da praia, é roupa de duas peças já se usava quando eu era solteira, gozado, mas nunca fui com

² Conforme o Censo de 1920, Itajaí possuía 33.327 habitantes.

namorado nem com o Mário quando era noiva... ele ia com os amigos dele para um lado e... eu não quis, não... porque a gente era pobre, qualquer coisa comenta-se, então pra evitar, 'ó, aquela vem da praia, sabe lá pra onde foi', eu já pensava assim, porque era assim que eles pensavam... então, nunca fui, nunca me viu de maiô. (Depoimento de Irene Boemer)³

Irene sonhava em ser artista, sonhava alto para uma “mulher de seu tempo”. Quando ainda adolescente, fazia peças de teatro na escola, e, na década de 1940, passou a integrar o Teatro do Amador de Itajaí, onde fazia papéis femininos, como bailarinas, esposas, empregadas, mas ocupava o palco. Trabalhar como telefonista era uma ousadia para uma moça solteira, e, mis ainda, em 1947, ao estrear como radialista, lugar dito dos homens, e expor a voz ao espaço público. Na época, dizer “a radialista”, mulher, precedia um julgamento, e isso foi possível perceber nas conversa com homens que a ouviam, ou não, mas comentavam e dão repostas evasivas, afirmando que não a conheciam ou que não prestavam atenção a seus programas.

Quando iniciou suas atividades na Rádio Difusora, ainda com sistema de auto-falante, onde “fazia de tudo”, disse-nos – locução, cantava ao microfone, cuidava o espaço, e participava em outros programas. Em 1952, Irene de Souza se casou com Mário Boemer, motivo pelo qual se afastou da rádio até 1959, isso porque “Naquela época, mulher casada não trabalhava fora de casa, não era permitido,” nos disse, indicando uma ousadia para a época – “Mário não se opôs, pelo contrário, me acompanhava, dava força”.

Nesse tempo, Irene participava de bailes apresentando as *misses*, rainhas, os desfiles de moda. Em 1959, reassume o microfone e então, em 1962, surge o programa *Suplemento Feminino*, que terá sua marca, baluarte na carreira profissional. Mas, porque esse nome? “Eu havia sido telefonista, e estava acostumada a dizer ‘Alô!’ sempre que a luzinha acendia na telefônica. Fiquei com uma vergonha! Mas a partir de então, cada vez que ia apresentar o programa, iniciava com ‘Alô, Amigas!’”. Aí pegou, ficou assim para o resto da minha vida. Até nas colunas que escrevo no jornal.”⁴

Sobre o nome *Suplemento Feminino*, não encontramos referências, mas era uma época em que mulheres eram vistas como “suplemento”, e outros jornais e revistas do país traziam colunas publicando pautas para as mulheres e o lar, e coube bem aos desejos de um público que estava começando a “se ver” nas mídias, as mulheres.

³ Irene Boemer recebeu-nos por várias ocasiões, quando a entrevistamos, e nos mostrou seu acervo pessoal, embora naquele momento resistisse em ser “protagonista” de nossa história por se achar “muito comum”. Depois de sua morte, em 2003, Mário, viúvo, abriu os “baús” e caixas, e nos autorizou a escrever sobre Irene.

⁴ *Caleidoscópio*, ano II, n. 33. Itajaí, outubro de 2001. p. 4.

Ela era ouvida, criava desconfortos, mas também provocava desejos, subjetividades – sim, por que mulheres que a ouviam eram muito controladas e passaram a inventar, ousar, mudar, se cuidar, mesmo que fosse para se verem bonitas e cuidar melhor do lar. Dona Margarida disse que esperava o horário de seu programa *Suplemento Feminino* e o ouvia atentamente, copiava as receitas de cozinha que ela anunciava, e, embora não possuísse ingredientes e eletrodomésticos anunciados, os substituía por aqueles que tinha na cozinha; se não podia adquirir, não deixava acompanhar o que de novo estava sendo veiculado, ou, desejos tão bem articulados pela mídia, compreensíveis e legíveis dentro de cada contexto. Percebe-se que isto criava circularidade nas demandas comerciais do local, e era a época do consumismo ao modelo estadunidense, que tinha na imprensa o seu veículo de difusão das novidades que chegavam ao Brasil.

Interessante perceber que ao abrir seu programa radiofônico e na coluna do jornal - de 1977 a 2003, manteve uma coluna nos jornais da cidade, com o mesmo nome do programa de rádio, *Suplemento Feminino* - indica que era um programa voltado para mulheres, que foi sempre, nos 40 anos de rádio e quase 20 de imprensa escrita, o faz com um “Alô amigas!” dirigindo-se especialmente às mulheres com um tratamento que as aproximava e as convidava a participar. A preocupação de Irene nas suas pautas do *Suplemento Feminino* evidencia o bem se vestir, bem se arrumar, bem cuidar da casa, bem cuidar dos filhos, do corpo com exercícios físicos, da alimentação saudável e nutritiva, os “recadinhos de beleza”, as “dicas e truques para o lar”, e terminando com a frase “Muito grata e até a próxima semana...”, as possibilidades de “disfarce” para as gordinhas, onde podemos notar esta proximidade com suas leitoras, entrando no seu cotidiano, nas “artes de fazer” próprias para as mulheres nos dribles para as coisas do lar. Saúde, beleza, moda, maquiagem, corpo saudável, nutrição, receitas de pratos, truques para o lar, jardinagem, novidades para a cozinha, dentre tantos assuntos voltados aos afazeres ditos das mulheres, estavam conectados a um tempo em que delas se esperava que fossem exemplos de esposas, mães, e se preocupassem com a casa, o marido, a família e seu bem estar.

Sempre preocupada com o bem-estar do corpo, Irene sugere exercícios físicos, alimentação equilibrada, e não encontramos referências de qualquer tipo de intervenção médica no corpo, como cirurgia plástica, lipoaspiração ou qualquer tipo transformação corporal, enquanto a “ditadura da magreza” se acentua nos anos 1990 (ROSA, 2005). Irene não estava alheia as publicações de revistas que circularam durante todo o tempo que exerceu sua profissão, mesmo porque anunciava invariavelmente na sua coluna a Distribuidora de Revistas e Jornais (Revimar), indicando uma pequena sinopse cada uma delas, como as

revistas *Claudia*, *Elle/Ella*, *Caras*, *Boa Forma*, *Manequim*, *Contigo*, *Tube*, *Ana Maria*, *Noivos e Noivas*, *Nova*, *Pais e Filhos*, dentre outras. Algumas destas revistas publicadas na cidade do Rio de Janeiro e São Paulo estavam divulgando saberes da “ciência sexual moderna”, as quais mostravam investigações e intervenções no corpo e na sexualidade, abrindo espaço para as discussões do uso de método de anticoncepcionais, o prazer, o orgasmo, a liberação sexual, divórcio, orientação aos casais, a frigidez e outras mudanças de comportamento, enfim abria o espaço para o debate público em torno do prazer (NECKEL, 2004). Concluimos que Irene conhecia os assuntos que estavam sendo veiculados, entretanto, ela não “ousava” falar, por exemplo, de sexo, nas suas pautas e na coluna - é possível pensar que ela “ouvia” a as ouvintes que também não “ousavam” transpor o conservadorismo, ou, que não ousava enfrentar os homens, maioria absoluta na rádio e jornal, e manter seu programa sem enfrentamentos com os/as conservadores/as da cidade.

Lembramos que nas décadas de 1960 e 1970, se por um lado estas revistas tematizavam direitos das mulheres, como o direito ao sexo com prazer, ainda havia resistências – a revista *Claudia*, por exemplo, falava do cotidiano e dos assuntos considerados “femininos” (a revista teve seu primeiro número em 1961), reinava na indústria da publicidade com profunda influência norte-americana em provocar o consumismo, e centrada no mundo da moda e no mundo doméstico (DUARTE, 2005). Irene acompanhava o estilo e mantinha o discurso conservador, ou porque, educada numa cidade controladora de comportamentos e dentro de modelos e papéis de gênero bem definidos, onde a mulher cabia justamente o recato e a honra da família (FAVERI, 1998), ou porque era sua forma de resistir as disputas que se davam no cotidiano da imprensa local. Eram as mulheres a preocupação de Irene – observamos que ela homenageava felicitava as mulheres todos os anos no Dia Internacional da Mulher, mas não fazia reflexão alusiva à data, e em geral precedida de uma mensagem de otimismo ou religiosa, por exemplo, como fez na última mensagem que teve oportunidade de fazer em 2003, neste dia, assim escreveu:

*Alô amigas!!! Salve!” o Dia Internacional da Mulher! (08 de março).
Mulher – A felicidade da Terra depende de ti, como o fruto depende da árvore!
Mãe – Es o anjo do lar – Esposa – auxilia sempre, Companheira – Acende o
lume da esperança – Irmã – sacrifica-te e ajuda. Mestra – ilumina o caminho,
Enfermeira – compadece-te.
“Mulher! Não te esqueças de trazer nas mãos a chave da vida, porque a
chave da vida é a glória de Deus”. (Meimei).⁵*

⁵ *Diário da cidade*, 06 de março de 2003.

Esta alegoria aos papéis da mulher “anjo do lar”, e o da sua missão divina de perpetuar a espécie através da maternidade – “chave da vida”, reproduz o que há de mais conservador das práticas feministas. Podemos julgar? Ou desconsiderar a prática da Irene como protagonista da imprensa local durante mais de 50 anos e ignorá-la como personagem da história? Ou, ainda, para falar em feminismo é preciso recompor histórias apenas de personagens feministas? Ou, ainda, negar que as práticas e desejos provocados por Irene Boemer configuram uma forma de transcendência, ou seja, transpõem barreiras colocadas para as mulheres? Segundo Simone de Beauvoir, há pessoas que “transcendem” os lugares que estão e se destacam, mesmo que dentro de padrões aceitos, incentivando outras formas de interação social (BEAUVOIR, 1949). Se Irene não pode ser considerada feminista dentro da concepção de feminismo, também não pode ser ignorada na sua atuação como personagem em interação direta com um público que efetivamente a ouvia, e as “pequenas” ousadas as faziam transpor o mundo doméstico restrito para a busca de novidades, em especial o cuidado de si - práticas ousadas para a época, sim.

Os homens, ao que se ouviu, não gostavam, e alguns até desqualificam o programa ao lembrarem dele, talvez porque isso significasse o desafio de manter o controle sobre elas, sobre seus desejos de também viajar, e o controle econômico porque seria consumir ou gastar. Isso podia causava ciúme e desavenças entre casais, pais e filhos. É possível pensar nas masculinidades e feminilidades que se construíam a partir desta falas dos homens, pois queriam sim que suas mulheres reproduzissem os papéis sociais e sexuais cobrados de cada gênero, e a elas cabia não “viajarem” em histórias que não lhes dizia respeito. Decerto despertava inveja entre as próprias mulheres, a disputa por beleza, elegância, estar em dia com a moda, visibilidade, respeito, competência, viagens, ousadas, reconhecimento, oportunidade de estar com astros e estrelas da televisão, música e cinema, e por Irene ter um marido que a incentivava, respeitava seus desejos e não a impedia de realizar seus sonhos, não a proibia de viajar se ele. Ou mesmo por não poderem acompanhar o estilo de vida de Irene, voltado ao público, sempre charmosa e elegante, viajada, convidada para todas as festas e eventos, sempre nas colunas sociais da cidade.

Mas são mulheres reais que viveram uma época diferente da nossa, com uma educação mais rígida quanto aos padrões de comportamento e práticas sociais, e a ousadia pode ser de outras formas, que não só a de rasgar o *soutien* em praça pública ou escrever textos militantes, e parece haver uma transcendência destas mulheres, como Irene, que burlaram algumas normas do costume e fizeram diferente, da maneira que puderam, e, se não conseguiram ir além, este era o limite. Irene de certa forma teve sorte por ter tido a seu

lado um companheiro que não a podou na sua carreira profissional, o que é raro para a época. As colunas de Irene mostram, sim, que se por um lado ousava, por outro também reafirmava papéis do masculino e do feminino, à medida que reproduzia os afazeres que eram considerados das mulheres, à época dos “anos dourados”, e também depois. Fazia sucesso, ousava, e incentivava ouvintes a também ousarem, trabalhar fora, se arrumarem melhor, a adquirirem novos produtos, utensílios, objetos ou eletrodomésticos, novos vestidos, maquiagens o que viria a ser mais oneroso para a família, mas também criava mudanças de comportamento nas pessoas que a ouviam. Narrativas de homens que atuaram na época demonstram que havia competitividade, preconceitos com uma mulher que tinha popularidade.

Tudo indica que a sua preocupação com as mulheres era só com a elegância, cortesia, os bons modos e etiquetas, cuidado com o corpo, truques de beleza, dicas de cozinha, maquiagem; e isso seria apenas a reprodução e reafirmação de valores tradicionais. E era, porque a grande maioria das mulheres da época estava confinada aos espaços privados e eram dependentes dos homens da família, os provedores (BASSANEZI, 1997). Por outro lado, possivelmente alguns homens ficassem enciumados, ao perceberem as mudanças de atitudes nas mulheres em relação ao seu cuidado com a beleza e com o corpo.

Os padrões de conduta e comportamento, e de suas cobranças, mudaram muito nestes últimos 50 anos, e, desde a década de 1940 quando o jornalismo norte-americano passou a ditar o que era publicado em termos de consumo e comportamento, quer no padrão hollywoodiano, quer nas receitas para boas donas-de-casa, passando pelo *slogan* de “a garota moderna” e a “mulher múltipla” (BUIIONI, 1981), as receitas de “como conquistar e segurar seu homem”, dos anos 50 e 60, tempo em que as mulheres copiavam sofregamente os modelos e queriam segui-los, passando pelas mudanças da contracultura, a pílula, a lei do divórcio em 1977, o feminismo, a tematização do prazer feminino e as abundantes reportagens de tudo o que se pode imaginar de liberação sexual e liberdade de escolhas, até o ano de 2003, quando Irene ainda escrevia, efetivamente a sociedade e as formas de viver neste mundo foram alteradas.

Referências:

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del. (org). **História das Mulheres do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.
- ROCHE, Daniel, As práticas da escrita nas cidades francesas no século XVIII.
CHARTIEWR, Roger (org). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Carmen da Silva**: o feminismo na imprensa brasileira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.
- FÁVERI, Marlene de. **Moços e moças para um bom partido**: a construção das elites, Itajaí (1929-1960). 2. ed. Itajaí: Univali, 1999.
- LUNA, Gloria Alejandra G. **A personagem na história**: Irene Boemer, educação e radiodifusão em Itajaí (1940-1950). Relatório Final de Pesquisa, UNIVALI, Pibic, 1991.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2. Florianópolis:CFH/CCE/UFSC, 2000, p. 30.
- ROSA, Maria das Dores. **Juventude eterna e “ditadura” do corpo perfeito**: os discursos da mídia e as práticas da beleza feminina entre 1990 e 2005. Florianópolis, 2005 Monografia (Graduação em História), UDESC, 2005.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre 16 (2):5-22, jul/dez. 1990. p. 5-22.